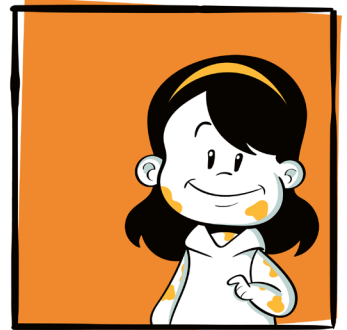


LINGUAGEM, IDENTIDADE E DIVERSIDADE

NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS

Anabel Medeiros Azerêdo de Paula
Beatriz dos Santos Feres
Margareth Silva de Mattos
Murilo Alberto Martins Silva
(Orgs.)



**LINGUAGEM,
IDENTIDADE
E DIVERSIDADE**
NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS

Anabel Medeiros Azerêdo de Paula
Beatriz dos Santos Feres
Margareth Silva de Mattos
Murilo Alberto Martins Silva
(Orgs.)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Mario Sergio Alves Carneiro

DIALOGARTS

Coordenadores

Flavio García

Darcilia Simões

CONSELHO EDITORIAL

Estudos de Língua

Darcilia Simões (Presidente)

Claudia Moura da Rocha (UERJ)

Denise Salim Santos (UERJ)

Maria Aparecida Cardoso Santos (UERJ)

Renato Venâncio Henrique de Souza (UERJ)

Claudio Manoel de Carvalho Correia (UFS)

Eleone Ferraz de Assis (UEG)

Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP)

Kleber Aparecido da Silva (UNB)

Lucia Santaella (PUCSP)

Maria Carlota Rosa (UFRJ)

Maria do Socorro Aragão (UFPB; UFCE)

Maria Jussara Abraçado (UFF)

Maria Luísa Ortiz Alvarez (UNB)

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

Paolo Torresan (UFF)

Rita de Cássia Souto Maior (UFAL)

Simone Rezende (EBAC, SP)

Vânia Casseb Galvão (UFG)

Dora Riestra (Universidade do Rio Negro, AR)

Paulo Osório (UBI, PT)

Maria João Marçalo (UÉvora, PT)

Massimo Leone (UNITO, IT; Universidade de Xangai, CH)

Estudos de Literatura

Flavio García (Presidente)

Júlio França (UERJ)

Norma Sueli Rosa Lima (UERJ)

Regina Michelli (UERJ)

Tania Camara (UERJ)

Ana Crélia Dias (UFRJ)

André Cardoso (UFF)

Claudio Zanini (UFRGS)

Daniel Serravalle de Sá (UFSC)

Diógenes Buenos Aires (UESPI)

Enéias Tavares (UFSM)

Jane Fraga Tutikian (UFRGS)

José Nicolau Gregorin Filho (USP)

Marisa Martins Gama-Khalil (UFU)

Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (UNIMONTES)

Teresa López Pellisa (UAH, ES)

Ana Mafalda Leite (ULisboa, PT)

Ana Margarida Ramos (UA, PT)

Dale Knickerbocker (ECU, EUA)

David Roas (UAB, ES)

Inocência Mata (ULisboa, PT)

Maria João Simões (UC, PT)

Xavier Aldana Reyes (MMU, EN)



Dialogarts

DIALOGARTS

Rua São Francisco Xavier, 524, sala 11007 - Bloco D, Maracanã

Rio de Janeiro – RJ - CEP 20550-900

<http://www.dialogarts.uerj.br/>



Revisão

NuTraT – Supervisão de Tatiane Ludegards dos Santos Magalhães
Alyson Oliveira Silva da Costa
Cinthia Hellen Martiniano
Rômulo Lumertz Rocha

Produção

UDT LABSEM – Unidade de Desenvolvimento Tecnológico
Laboratório Multidisciplinar de Semiótica



CATALOGAÇÃO NA FONTE

Linguagem, identidade e diversidade na literatura
para crianças e jovens

P324 Organização: Anabel Medeiros Azerêdo de Paula
F349 Beatriz dos Santos Feres
M444 Margareth Silva de Mattos
S586 Murilo Alberto Martins Silva

Edição: Flavio García
Regina Michelli

Capa: Murilo Alberto Martins Silva
Diagramação: Tuane Silva Mattos

Rio de Janeiro: Dialogarts
2022, 1ª ed.

800 – Literatura

ISBN 978-65-5683-049-0

Linguagem. Literatura. Infantojuvenil. Identidade. Diversidade.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
“OS EXCLUÍDOS TÊM SEMPRE QUE SE AJUDAR”: O <i>ETHOS</i> PROJETADO COMO METÁFORA DE ACEITAÇÃO DA DIVERSIDADE NO FILME <i>LUCA</i>	15
A FAVELA DE OTÁVIO JÚNIOR: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A SOCIOLOGIA DAS EMERGÊNCIAS FUNDAMENTADA PELA SEMIOLINGÜÍSTICA	40
A VISIBILIDADE SOCIAL FEMININA EM LIVROS INFORMATIVOS PARA CRIANÇAS E JOVENS	70
CHEGOU A VEZ DE CANTAR DE GALO: EMANCIPAÇÃO FEMININA EM OBRAS DE SYLVIA ORTHOF	109
<i>O TRISTE FIM DO PEQUENO MENINO OSTRA</i> E A EXCLUSÃO DO DIFERENTE	143
EU E OS OUTROS ENTRE REGRAS E DIREITOS: UM ÁLBUM INFANTIL E UM MANUAL DE INSTRUÇÕES DE REDES SOCIAIS	168
A LITERATURA COM TEMÁTICA DA CULTUR A AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA E SUAS POTENCIALIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL	188
UMA LEITURA DE <i>POR QUE EU NÃO CONSIGO GOSTAR DELE/DELA?</i>	208

**MONSTROS E SUBJETIVIDADE *QUEER*: ALGUNS
APONTAMENTOS DE LEITURA NOS ÁLBUNS INFANTIS
DE OLGA DE DIOS** 241

**RACISMO, LOUCURA E QUESTÕES IDENTITÁRIAS:
UMA ANÁLISE DO LIVRO *DENTRO DE MIM NINGUÉM
ENTRA*, DE JOSÉ CASTELLO** 279

**ENTRE AUTORAS E PERSONAGENS: REPRESENTAÇÕES
DO FEMININO NO CONTRATO NARRATIVO** 301

Apresentação

Este e-book, organizado por membros do Grupo de Pesquisa em Semiologia (GPS-LEIFEN/UFF/CNPq), publicado pelo Núcleo de Estudos em Literatura Infantojuvenil da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (NELIJ-UERJ) em conjunto como grupo de Pesquisa EnLIJ – Encontros com a Literatura Infantil/Juvenil: ficção, teorias e práticas –, reúne 11 textos resultantes de pesquisas relacionadas à Literatura para crianças e jovens que priorizam questões e temáticas centralizadas na afirmação de identidades e na diversidade social e cultural, racial/étnica e de gênero.

Em consonância com o entendimento de Colomer (2017), sabemos que a Literatura para crianças e jovens não só se mostra marcada pelo imaginário do grupo social em que circula, mas também é usada como instrumento de disseminação de crenças e valores para as novas gerações, tendo a linguagem como meio de categorização dos seres, de expressão de valores e de interação social, “no cerne da construção, tanto individual quanto coletiva, do sujeito” (2015, p. 13), conforme define Patrick Charaudeau. Isso se reflete nos trabalhos aqui apresentados, que relacionam a

linguagem de obras direcionadas prioritariamente a crianças e jovens com a expressão de identidades oprimidas socialmente, por não se configurarem em conformidade com o sistema de pensamento hegemônico e excludente.

Dentre as obras que constituem os *corpora* de análise dos textos, encontram-se livros ilustrados, livros com ilustração, livros informativos, contos, novela e filme de animação, tipos editoriais e gêneros que aliam estética e ética, forma e conteúdo, em função tanto da denúncia de minorias invisibilizadas e silenciadas socialmente quanto da sua emancipação.

As diferentes temáticas giram, portanto, em torno da diversidade, e tratam do sexismo, da exclusão do diferente, do racismo, da homofobia, da xenofobia, da pessoa com transtornos psicológicos e da desigualdade entre classes. Some-se a isso o fato de o acesso à literatura ser, quase sempre, fomentado prioritariamente pela escola, tomada como um espaço comprometido com a educação libertadora, como quer Freire (2018), o que é demonstrado em alguns trabalhos reunidos neste e-book, que contemplam essas mesmas temáticas e questões em sua vinculação com o ensino.

Os livros ilustrados de Otávio Júnior *O chefão lá do morro* (2014), *Da minha janela* (2019), *Grande circo favela* (2019) e *Morro dos ventos* (2020) são analisados por Anabel Medeiros e Beatriz Feres em “A favela de Otávio Júnior: uma contribuição para a sociologia das emergências fundamentada pela Semiologia”. De acordo com as autoras, nesses livros, por meio de recursos semiodiscursivos variados, revelam-se identidades dissociadas de estereótipos, em um movimento de resistência para a afirmação de uma imagem positiva relacionada ao grupo social oriundo das favelas.

Em “A visibilidade social feminina em livros informativos para crianças e jovens”, Margareth Silva de Mattos analisa três publicações potencialmente destinadas a crianças e jovens que expressam pontos de vista e intencionalidades comuns entre si: *Extraordinárias: mulheres que revolucionaram o Brasil* (SOUZA; CARARO, 2017), *ABC Delas* (TOKITAKA, 2019) e *Era uma vez 20* (SANDRONI, 2019). Trata-se de biografias que dão visibilidade a mulheres marcantes e revolucionárias, reafirmando e defendendo o conceito de igualdade de gênero. A análise dá ênfase à organização das obras, aos seus aspectos textuais e

discursivos e ao seu design gráfico, mostrando como leitores crianças e jovens inscrevem-se em seus textos verbo-visuais.

Sereias, monstros marinhos e encantamentos ajudam a construir, na animação *Luca*, da Disney e Pixar, um imaginário positivo a respeito da diversidade de gêneros. Os ethé projetados pelos protagonistas Luca e Alberto, monstros que resolvem viver aventuras fora do mar, se passando por humanos para não serem atacados pela população da cidade, são alvo de análise semiodiscursiva em “Os excluídos têm sempre que se ajudar’: o *ethos* projetado como metáfora de aceitação da diversidade no filme *Luca*”, de Murilo Martins e Janayna Rocha.

Regina Michelli e Marcelle Anacleto, em “Chegou a vez de cantar de galo: emancipação feminina em obras de Sylvia Orthof”, analisam as representações da emancipação feminina em duas obras de Sylvia Orthof: *Maria vai com as outras* (2008) e *Mudanças no galinheiro mudam as coisas por inteiro*(2012). Para isso, traçam breve retrospecto histórico da trajetória do feminino na sociedade ocidental e ressaltam a importância do movimento feminista na ruptura com os valores patriarcais, mostrando como isso se reflete na literatura para crianças.

No capítulo “*O triste fim do pequeno Menino Ostra e a exclusão do diferente*”, Felipe Ribeiro Campos investiga a projeção do leitor na narrativa ficcional e a sua identificação com personagens consideradas estranhas ou desajustadas. A partir de diversos estudos, o autor analisa um dos poemas que compõem a obra *O triste fim do pequeno Menino Ostra e outras histórias* (2010), escrita e ilustrada por Tim Burton. Para o autor, o trágico fim a que o protagonista é submetido pode, por um lado, causar insatisfação e desgosto ao leitor de Literatura Infantojuvenil acostumado a finais felizes, mas, por outro, pode conduzi-lo à reflexão sobre diversidade e exclusão.

Questões de identidade e de pressão social são exploradas por Cláudia Pereira em “Eu e os outros entre regras e direitos: um álbum infantil e um manual de instruções para redes sociais”, em que analisa duas obras: o livro ilustrado *Hei, Big Bang! (Ninguém disse que era fácil)*, de Isabel Minhós Martins (2019), e o livro informativo *Gosto, logo existo: redes sociais, jornalismo e um estranho vírus chamado de Fake News*, de Isabel Meira (2020). Além disso, a autora propõe reflexões acerca do design literário e das possíveis vantagens da diversificação na fruição da atividade cultural.

O texto “A literatura com temática da cultura africana e afro-brasileira e suas potencialidades na Educação Infantil” resulta de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é identificar, na produção literária contemporânea, obras que apontam para um percurso de valorização da cultura africana e afro-brasileira em seus enredos, favorecendo o fortalecimento da identidade do público leitor, em especial o formado por crianças negras pequenas. Para isso, as autoras de Rosângela Pereira dos Santos e Débora Cristina Araujo analisam dois livros ilustrados traduzidos no Brasil com personagens negras: *As panquecas de Mama Panya*, de Mary e Rich Chamberlin (2005), e *Princesa Arabela, mimada que só ela!*, de Mylo Freeman (2008).

Aira Suzana Ribeiro Martins apresenta uma análise literária e discursiva da obra de Anna Claudia Ramos e Antônio Schimeneck (2020), destinada a jovens leitores, em “Uma leitura de *Porque eu não consigo gostar dele/dela?*”. Com base em diferentes teóricos, a autora destaca a importância de obras como essa ao abordar os conflitos psicológicos e os problemas sociais na adolescência, relacionados à orientação sexual. Outro aspecto de igual relevância, analisado segundo a semiótica peirciana, é a perfeita integração entre imagem,

palavra e o projeto gráfico da obra, que amplia a significação e aprofunda a reflexão do leitor. Para a autora, a literatura pode contribuir para o processo de aceitação da sexualidade, promovendo o diálogo, o combate à desinformação e, conseqüentemente, a diminuição da homofobia.

Em “Monstros e subjetividade *Queer*: leitura dos álbuns infantis, de Olga de Dios”, John Brendo Diniz Oliveira analisa, à luz de pressupostos da Teoria *Queer*, as figuras dos monstros em *Monstro Rosa* (2016) e *Em família* (2018), ambas, produções da escritora e ilustradora espanhola Olga de Dios. O autor destaca o potencial metafórico que a representação do monstro pode alcançar na Literatura Infantil para tratar da aceitação à diversidade e fomentar o respeito ao diferente. Uma vez que a linguagem desempenha um papel central para a construção da sexualidade, o discurso literário, tomado como dispositivo de linguagem, pode viabilizar o desenvolvimento do pensamento crítico e a humanização do jovem leitor.

Luana Falçoni e Mariana Ramalhete, em “Racismo, loucura e questões identitárias: uma análise do livro *Dentro de mim ninguém entra*, de José Castello”, novela juvenil publicada em 2016 e vencedora do Prêmio Jabuti na categoria

Juvenil em 2017, propõem uma análise crítica sobre questões identitárias, dos transtornos psicológicos e da discriminação, refletindo acerca do conceito de loucura na sociedade como projeto do capitalismo. Além disso, mostram como os estereótipos de ser negro, pobre e nordestino impedem as pessoas de serem aceitas socialmente.

Por fim, Glayci Xavier, Antônio Herdye Mariana Brito apresentam, em “Entre autoras e personagens: representações do feminino no contrato narrativo”, uma das atividades desenvolvidas por meio do projeto “Semiolinguística e ensino: a sala de leitura como espaço de fruição”, desenvolvido por licenciandos do curso de Letras da Universidade Federal Fluminense, na sala de leitura do Colégio de Universitário Geraldo Reis. A partir da leitura de contos de escritoras como Lygia Fagundes Telles e Júlia Lopes de Almeida, a figura feminina na Literatura, tanto como autora quanto como personagem, foi alvo de análise e de questionamentos diversos.

Esperamos que as reflexões apresentadas pelos autores e autoras desta publicação contribuam significativamente para a discussão sobre questões de ontem

e de hoje relacionadas aos temas, cada vez mais relevantes, da identidade e da diversidade.

Boa leitura!

Referências

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. *In*: LARA, Glaucia Proença; LIMBERTI, Rita Pacheco. *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015.

COLOMER, Teresa. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Global, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 66. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

EU E OS OUTROS ENTRE REGRAS E DIREITOS: UM ÁLBUM INFANTIL E UM MANUAL DE INSTRUÇÕES DE REDES SOCIAIS¹

Cláudia Sousa Pereira²

Introdução

Este texto de leitura e crítica propõe abordar duas obras de gêneros diferentes, desde logo por um gênero, o do livro-álbum, ser de caráter ficcional e o outro ser um livro informativo. Esta diferença poderia, inclusive, atirar a nossa reflexão para fora do subsistema literário da LIJ, mantendo-nos, e por isso foi nossa opção, no âmbito dos estudos de literatura “e” cultura para a infância e juventude. Une-os, na perspectiva desta abordagem, a utilização de discursos que, sendo genológica e coerentemente diferentes, fomentam declaradamente o espírito crítico. Não deixando de fazer alusões significativas à linguagem visual, autoria de Bernardo P. Carvalho, e à arquitetura dos dois livros, é sobre o design literário que acionam (até o de não-ficção) que assentarão

¹Texto escrito em português europeu.

²Assistant Professor with habilitation, Senior Lecturer at the Department of Linguistics and Literatures/ School of Social Sciences - University of Évora. Research member of CIDEHUS.UÉ (UID/HIS/00057/2020) and of UNESCO chair Intangible cultural heritage. ORCID: 0000-0002-7298-3945.

reflexões e propostas. Ambos são editados pela Planeta Tangerina, casa conhecida e reconhecida internacionalmente, e estão premiados e/ou recomendados por instituições de crédito inquestionável.

Trata-se de um álbum de 2019 intitulado *Hei, Big Bang! (Ninguém disse que era fácil)*, com texto de Isabel Minhós Martins, e de *Gosto, Logo Existo. Redes Sociais, jornalismo e um estranho vírus chamado Fake News*, de 2020, com texto de Isabel Meira. O álbum deixa nas entrelinhas uma desadequação da personagem principal ao quotidiano em que vive, revelada momentaneamente, mas com carácter inaugural, como o *big bang* cósmico, e que ao leitor surge em forma de ideia, ainda que nascida de sensações físicas, talvez confundindo-se a ideia com as coisas, conferindo abertura da obra à leitura literária e ao pensamento filosófico, que questiona sempre o quotidiano e corriqueiro (KOHAN, 2003). Já o livro não ficção, dedicado aos chamados “nativos digitais”, é apresentado como um livro que “acredita que é importante fazer perguntas e que as respostas não estão todas no Google” (MEIRA, 2020, s.p.).

Pretende-se relevar criticamente a razão por que estas duas obras são, em conjunto, mais uma oportunidade, de

qualidades estéticas, éticas, políticas, mas também lúdicas, para aproximar infância e juventude: um álbum infantil que pode ser reapreciado pelo leitor jovem e um manual de instruções que permitirá a este leitor entender melhor o mundo em que vive e, numa eventual leitura a pares, ser melhor mediador entre o álbum e o leitor do álbum. Deste modo, e apresentado em forma de *kit literário* (conceito que tem vindo a popularizar-se no meio de curadores e mediadores de leitura), o destinatário duplo (SHAVIT, 1986) multiplica-se e especifica-se distinguindo: adulto, jovem, criança.

Conscientes de que a forma como a prática do trabalho educativo cai fora do âmbito deste texto, elaborado a partir dos estudos literários, pretendemos ainda assim colaborar no sentido de desbravar o máximo de potencialidades de cada uma, e em conjunto, das obras, estética e literariamente construídas. Potencialidades que instiguem quem, em torno de possíveis temáticas, valorize a leitura imersiva, demorada e reiterativa de um livro, para que o diálogo que se estabeleça entre adultos, jovens e crianças constitua de forma efetiva uma das vertentes da educação literária. Aliás, se nesta vertente pedagógica não há que deixar de tratar, a propósito

de autores, obras e gêneros centrais e canônicos, os contextos e os intertextos que o conhecimento factual – histórico e epistemológico – obriga, também defendemos que o trabalho de leitura proponha o desafio da crítica sustentada, do argumento pensado e aplicado de forma coerente e consistente na formação e expressão da opinião: ler para pensar, pensar para ler, escolher para ler, ler para escolher poderiam ser os pares, ou *kits*, que ligam a literatura à vida numa sociedade democrática e progressista (KOHAN, 2003; KIDD, 2020).

De entre as possíveis temáticas suscitadas por leituras literárias, variáveis em função do momento e dos agentes das leituras, e limitando-nos ao espaço deste texto, limitar-nos-emos ao par adversativo privado vs público, fazendo-o a partir de um par clássico que os estudos literários há muito exploram, identidade/alteridade. À nossa escolha deste ponto focal não são alheias as atuais circunstâncias pandémicas (que eufemisticamente gostaríamos de chamar “o mundo à distância”) que exponenciaram os constrangimentos do meio de comunicação no impacto sobre emissor, mensagem e receptor, com as alterações que remetente e destinatário sofrem no mundo interconectado em que o palco fica

acessível a públicos tão distópicos (está-se no palco em lugares e horas diferentes ao mesmo tempo, quase em esquizofrenia).

Ao fazermos esta abordagem, não podemos deixar de realçar o quanto o texto escrito e a imagem impressa levam já um certo avanço face aos outros contextos comunicacionais, com pretextos diferentes da intenção estética: a escrita veio abrir há milénios esta possibilidade que assume agora proporções planetárias, ao permitir que o que é dito seja recebido noutra lugar e momento da voz que diz.

Assim, começaremos por tratar brevemente cada uma das obras em separado, para depois nos demorarmos um pouco mais sobre as relações que entendemos relevar, indo ao encontro desta ideia de dar sentido a um kit literário que pode, e deve, ser oferecido a pequenos e jovens leitores, pela ordem oscilatória que também justificaremos.

“Big Bang acordou com um desassossego qualquer...”

Para além das habitualmente magníficas ilustrações de Bernardo P. Carvalho, sem surpresas já premiadas³, usando a cor para ordenar o espectro na frase que quase todos identificávamos simbolicamente com os movimentos LGBTQI+, antes de 2020, quando a relação simbólica cresceu, e depois de apenas representarem o arco-íris, este livro-álbum subliminarmente evoca o desajustamento de um indivíduo, convocando-o para a relação interpessoal que, levada mais longe, poderá assim ler-se com as questões de identidade de gênero.

O subtítulo grafado entre parêntesis, na capa, encerra também a disforia inicial, até a do princípio dos princípios do Universo, a que o arco-íris da ilustração promete, talvez, pôr fim. Teremos de ler o livro todo para procurar pistas para resolver esta explosão de sentimentos que só a capa logo nos anuncia. E ainda assim, fechada a contracapa, nem a leitura adulta poderá dizer que ficou totalmente esclarecida pelo jogo das palavras vertidas num texto, e o subtítulo ganha um outro

³Venceu o Prémio Nacional de Ilustração 2020 e vai representar Portugal na próxima Feira Internacional do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha.

e maior peso: “ninguém” é mesmo ninguém, seja adulto, jovem ou pré-leitor. Ou talvez não, como veremos mais tarde.

A comunicação social generalista, numa página de cultura, através de Pedro Miguel Silva, escreve assim sobre o livro-álbum:

As sensações vividas por este cavalo vão desde sentir uma borboleta dentro das orelhas, batendo as asas, ou ter palavras debaixo da língua, que tentam a custo equilibrar-se. Toda a gente lhe vai gritando para ir trabalhar, para responder às mensagens, para pensar numa ida à praia, para não se esquecer de levar comida, mas a única resposta que lhe ocorre, no meio de tantas dúvidas, inquietações ou estímulos, parece ser esta: ‘Eu já não sei coisa nenhuma’.

Um livro que, numa demanda a quatro patas, mostra que nem sempre as coisas são fáceis, convidando a conhecer, nas entrelinhas, as partidas da memória, a importância do silêncio, a necessidade de espaço pessoal e o poder de transformação que cada um guarda dentro de si. (SILVA, 2020, s.p.)

Mas é na contracapa, peritexto como outros em que a editora exemplarmente costuma apostar com igual cuidado e qualidade, que percebemos o carácter filosófico-literário deste álbum:

As ideias gostam de jogar às escondidas. Não são invisíveis, mas podem ser difíceis de ver!

No início aparecem-nos como uma sombra e escorregam-nos das mãos. Mas se as deixamos correr livremente – como um cavalo corre pela praia fora – pode ser que as consigamos ver com nitidez.

Esta é a história do cavalo Big Bang e de uma coisa intrigante que o perseguia...

(Uma coisa? Mas qual coisa?). (MARTINS, 2019, s.p.)

Ora, se, para além da explosão da cor, o álbum se ilustra alternadamente com o estilo da cor xilográfica, a preto no branco, o recuo ao passado, ao momento inicial do Big Bang cósmico, com os mistérios que se prolongam no texto científico que recorre à metáfora para explicar, parece o recuo necessário e lógico. À semelhança dos efeitos estilísticos no discurso poético, ao discurso científico também se permitem certas ousadias verbais para explicar as primeiras vezes, como lendas e mitos. É assim que a propósito dos misteriosos cenários de caos na natureza, por exemplo, há “coisas” que, dizem, poderão acontecer quando, no efeito borboleta, uma bater as suas frágeis e coloridas asas do outro lado do mundo, vá-se lá saber como, um tufão poderá levantar-se deste lado.

Só a beleza – das palavras como das equações matemáticas – parece colher razões quando a realidade se torna mais estranha do que a ficção. E é assim que a linguagem da ficção, como a correria quase surda de Big Bang, segue o seu caminho em busca de explicação, se transforma numa ira quase descontrolada, como um tufão, em frente ao mar, causado, claro, por aquele bater de asas da borboleta dentro da sua cabeça e contribuindo para que as palavras se alinhassem num discurso, ou melhor, numa conversa. Mas as conversas só se têm em companhia de outro, quando é mais fácil usá-las, e permitem ordenar as ideias que as alimentam. E as conversas também são como as cerejas: quando doces e succulentas, dão vontade de nunca se parar.

O texto escolhe as expressões e as palavras certas e desafiadoras para falar, em monólogos interiores ou ecos de monólogos vindos de fora, das sensações, das impressões, das decisões de Big Bang: “sacudir a crina para se livrar daquela impressão” e “Não vais sacudir coisa nenhuma”; “Meu azul do céu! Que cor incrível está hoje!” em vez do banal “Meu Deus do céu! Que dia incrível está hoje!”; “Não só apanharia algum sol, como talvez conseguisse apanhar outra coisa qualquer...”;

Big Bang não queria morrer. Tudo o que queria era apanhar um pouco de sol e, quem sabe, apanhar também aquela coisa que trazia dentro da orelha [antes disse tratar-se de uma borboleta que batia as asas], debaixo da língua [disse que eram dez palavras que tentavam equilibrar-se], em todo o lado e em lado nenhum [as cem fagulhas que riscavam o céu e andavam à volta da sua crina desde manhã]. (MARTINS; CARVALHO, 2019, s.p).

Se as perguntas sobre as sensações e sentimentos de inquietação só sossegam quando se verbalizam, e procuram a resposta nas palavras, é na palavra literária, com o recurso à figura de estilo que constrói a melhor história, que explica que as respostas encontram solução, mesmo que prolongando o enigma. Trata-se, neste design literário que acompanha as cores e o preto-e-branco das ilustrações na arquitetura do álbum, de sossegar pela palavra coerente, solidária e bela, passando o lúdico por encontrar com quem melhor jogar o seu uso na mesa-tabuleiro da conversa, do diálogo olhos nos olhos, ou mão na mão.

É assim que o Big Bang cavalo pisa o mundo do discurso (as vozes que ouve estão também na sua cabeça e não vêm apenas das janelas onde as pessoas o veem passar e lhe vão lançando perguntas e avisos) que quer explicar como

se fosse, porque é, a primeira vez que o faz: o desassossego, conceito que se chega ao sinónimo e eufemiza o medo e a ansiedade, e que o cavalo combate correndo e avançando, tentando corajosamente ouvir-se mais a si e relacionando-se com quem consegue conhecer de forma mais íntima do que obedecer às vozes que vai ouvindo, pressão social que lhe impõe atavismos. O pensamento propõe-lhe optar: ou regressar ao medo escondido, ou assumir a correria em que se largou.

O fim desta correria, deste desassossego, acontecerá alguma vez? Sobre esse detalhe, como o detalhe íntimo de qualquer um de nós, na intimidade se revelará. Big Bang partilhá-lo-á com o seu passarinho-vizinho, mantendo-nos fora dessa confiança – “Uma ideia que ora voava como uma borboleta. Ora crepitava como uma fogueira. Ora tocava como uma canção” (MARTINS; CARVALHO, 2019, s.p), mas pouco ou nada saberão os outros que não os conhecem. Nem têm de o saber.

“O mundo está cheio de mundos dentro dele”

O que todos os que frequentam a Internet tinham, e têm, mesmo de saber é como este canal de comunicação

funciona na captura, disseminação e no último mais rentável negócio do mundo, depois dos clássicos petróleo, armamento, droga e seres humanos: os nossos dados pessoais. É apresentado pela editora, dirigindo-se ao leitor autónomo jovem:

Provavelmente, para ti, não há um antes e um depois da internet.

Quando nasceste já estava tudo ligado e nem te parece possível que o mundo funcione de outra forma. No entanto, a internet mudou — e ainda está a mudar — muita coisa no mundo, incluindo o jornalismo.

Através da internet, apareceram gigantes invisíveis como a Google e o Facebook. Não são empresas de jornalismo, mas transformaram a nossa forma de aceder à informação.

Nas redes sociais, as notícias parecem supersónicas e as visualizações, os likes e as partilhas podem chegar aos milhões. O problema é que os rumores, os boatos e as mentiras também.

Habitúamo-nos a receber a informação e a desinformação que nos chega através de algoritmos secretos, a ter rotinas em mundos virtuais, a comunicar com abreviaturas e emojis. Vivemos numa enorme bolha de likes e partilhas.

Mas será que conhecemos bem as regras do jogo?

Qual o impacto de tudo isto na nossa relação com o mundo e nas decisões que tomamos?

Este livro acredita que é importante fazer perguntas e que as respostas não estão todas no Google. (MEIRA, 2020, s.p)

Não se tratando de um texto literário, porque a obra é informativa, há um tratamento das linguagens, icónica, gráfica e verbal, que é criada para o uso de um leitor com características identificáveis: os assíduos utilizadores das redes sociais. Há design, se não já literário, também no texto da palavra que comunica com um desígnio e uma intenção em que, prevalecendo a informação e o facto, a beleza da forma que atrai o leitor também lá está.

A linguagem é acessível, usa trocadilhos cujos termos fazem parte da enciclopédia quotidiana dos jovens contemporâneos, e todo o livro está redigido em discurso dirigido ao leitor como se de uma confidência se tratasse (mais do que uma aula, ainda que não menospreze factos, nem retire questões políticas que qualquer professor não pode evitar, e falo em particular as questões de liberdade de

expressão e às condições de acesso à informação, que não são nem liberdade, nem acesso planetários). A presença de uma bibliografia, ou melhor, infografia, permite que o que se diz que se deve fazer se faça dentro do próprio livro. As ilustrações – muitas e arejando a mancha de texto verbal – já representam o “novo normal”, criando a impressão de que foi no ano (letivo) de 2020-2021 que todas as questões tratadas se tornaram ainda mais prementes.

A organização por capítulos e subcapítulos, todos expressivamente titulados, permitem desde logo, com o tal design que referimos acima, rir e querer saber mais sobre o conteúdo mais denso. O título da obra, paródico, é o exemplo mais visível. Mas também as anedotas ou *fait-divers* da História, que são escolhidos muito a propósito na organização do texto, são acompanhadas com ilustrações que ajudam à curiosidade e até ao riso. O melhor exemplo talvez seja o do terceiro capítulo: “Breve história do jornalismo (que antes de o ser já o era)”, a que se acrescenta, como em todos os outros capítulos, um pequeno resumo que é mesmo autotélico, dizendo-se de si próprio: “O melhor resumo é dizer que sempre gostámos de contar histórias uns aos outros” (MEIRA, 2020, p. 60-61).

E dentro do capítulo, a parte que se intitula “O empurrão de Gutenberg e a gazeta com um título que nunca mais acaba”, é verdadeiramente interessante, recuando aos tempos da famosa Carta de Pero Vaz de Caminha, comparada a uma *newsletter* e ilustrada a página de que se cita excerto, também ilustrativo (cor e tipo gráfico diferente), com ousadas representações, fielmente, de nus. Este detalhe não é só provocador. Diria mesmo que é um detalhe esclarecedor que, aos olhos de um jovem leitor muito alertado pelos receios e cuidados dos adultos nas questões da pornografia infantil, o fará eventualmente refletir o quão antiga é a representação do corpo nu, sem que esta seja nem sempre, nem nunca, e sublinhamos os advérbios, chocante ou criminosa.

Do Big Bang ao Tik Tok: conclusões

O que, em nossa opinião, torna mais relevante emparelhar estes livros passa pelos facto de ambos se darem a ler a partir de dois elementos nucleares, explícitos e centrípetos, em torno dos quais outros temas se esboçam, e que ambos partilham simultaneamente: o Mundo e a Pessoa. Em *Hei, Big Bang!*, o nome do cavalo e o enredo que se desenvolve à volta de uma inquietação íntima, pessoal e

aparentemente intransmissível até ao desenlace. Já *Gosto, Logo Existo* é pedagogicamente dedicado à educação do utilizador das redes sociais por aquelas pessoas que, julgando saber tudo sobre o mundo da internet, se expõem à desinformação e, numa situação levada ao extremo, ao crime.

Para ambos podemos falar da aplicabilidade de uma proposta de leitura literária, a que procura as entrelinhas e as relações intertextuais, a que provoca reações de espanto, riso ou choque, a que sugere interpretações das referências destacadas ou iluminadas pela palavra escrita, até no livro informativo e muito por “culpa” do toque estético que a ilustração lhe acrescenta.

Da explosão do universo, à explosão da consciência a lidar com a explosão das emoções; do ritmo tecnológico que avança rapidamente neste século, por causa da cada vez maior acessibilidade a plataformas de comunicação pelo indivíduo e cada vez mais indivíduos a usá-las, à relação que (re)une indivíduos sozinhos com milhões de outros à volta do mundo, podendo usar-se, animadamente, imagem, som e palavra; os dois livros tratam a comunicação e o lugar da conversa pensada, e para pensar (para além de distrair, divertir e proporcionar um bem-estar emocional), como sendo

tão mais profícua quanto soubermos mais para podermos perguntar mais e melhor. Trazemos, a confirmar esta nossa perspectiva sobre o quanto este par de livros, ou kit, faz sentido (de resto as livrarias on-line, imolando o antigo livreiro dos séculos XIX e XX, usam os dados para aconselhar sempre mais leituras a partir das nossas escolhas), três frases retiradas de um blogue cuja curadora/autora tem responsabilidades na promoção da leitura em Portugal. Trata-se do blogue *Deus me livro*, em que Júlia Martins, a propósito de um destes livros escreve: “Há livros repletos de perguntas, umas mais evidentes, outras mais dissimuladas. Há livros inquietantes e provocadores. Há livros que aguçam a atitude de dúvida, que parece ser contrária “à natureza humana” (MARTINS, s.d.).

Três frases que podiam referir-se a qualquer dos dois e que, de facto, se referem a *Gosto, Logo Existo*, confirmam-nos a nossa proposta em que, para além da riqueza própria do literário no álbum, destacámos, das questões de identidade da personagem principal, as questões da pressão social a que o manual das redes sociais se dedica e dedica às vidas sociais dos adolescentes nas redes sociais (BOYD, 2015).

Não deixamos, ainda, de realçar a importância do objeto livro no atual contexto social marcado por uma

bibliofilia que parece roçar os limites do vício (PRESSMAN, 2020), mas de que parece só parece valorizar-se a aparência. E falamos precisamente da presença em diretos e sessões de reuniões, palestras e entrevistas, de cenários cheios de bibliotecas e estantes preenchidas de livros. A esta espécie de prática *trendy* ou tendência, dá-se até um nome que concentra, como muitas palavras-conceito, esse exagero de afetos por algo, e diz-se tratar-se de *bookishness*, que é mais do que bibliofilia e se aproxima do vício dos livros.

À boleia da reconquista, em tempos de virtualidades e etéreos caminhos de comunicação, do há muito já conquistado no espaço social das aparências valor do livro enquanto objeto cultural, propor este kit de livros é também uma tentativa de mostrar as vantagens da diversificação da atividade cultural, e não apenas de lazer. Uma missão difícil, de que os estudos literários não podem afastar-se: valorizando o livro que vale esteticamente, pelo uso da palavra literária, não podemos menosprezar os mundos a que se referem textos não literários, e não só os que estão nos livros informativos, mas os que estão explícita ou implicitamente noutros meios de lazer, como em videojogos, por exemplo.

Referimo-nos, concretamente e para terminarmos, a um contexto em que a identidade individual se confronta com uma ágora constantemente ubíqua e síncrona, nesta contemporaneidade obcecada com lemas como “todos diferentes, todos iguais”, o que se aplica a muitos mais casos do que as que infelizmente parecem ainda eternas questões do racismo. O lema, sedutor, encerra em si um paradoxo que, por mais benevolente que seja, pode dificultar tanto as vidas de crianças e jovens que, ao terem acesso às tecnologias de comunicação e convívio, sem as saber usar corretamente, até porque são intuitivas e fáceis de usar (*user friendly*), parece que lhes damos tudo e eles, os jovens, têm tudo. Mas só parece.

Referências

- BOYD, Danah. *É complicado*. As vidas sociais dos adolescentes nas redes sociais. Lisboa: Relógio d'Água, 2015.
- KIDD, Kenneth. *Theory for beginners: children's literature as critical thought*. New York: Fordham University Press, 2020.
- KOHAN, Walter. *Infância: entre filosofia e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- MARTINS, Isabel; CARVALHO, Bernardo. *Hei, Big Bang!* (Ninguém disse que era fácil). Carcavelos: Planeta Tangerina, 2019.

MARTINS, Júlia. *Blogue Deus me livro*. Disponível em: <https://deusmelivro.com/category/mil-folhas/#.Y1FlpGfMJdg>. Acesso em: 9 mar. 2021.

MEIRA, Isabel. *Gosto, logo existo*. Carcavelos: Planeta Tangerina, 2020.

PRESSMAN, Jessica. *Bookishness*. Loving books in a digital age. New York: Columbia University Press, 2020.

SHAVIT, Zohar. (1986). *Poética da literatura para crianças*. Lisboa: Caminho, 2003.

SILVA, Miguel. Hei, Big Bang! (Ninguém disse que era fácil); Isabel Minhós Martins e Bernardo P. Carvalho. *Blogue Deus me livro*. Disponível em: <https://deusmelivro.com/mil-folhas/hei-big-bang-ninguem-disse-que-era-facil-isabel-minhos-martins-e-bernardo-p-carvalho-1-5-2020/#.Y1FnTGfMJdh>. Acesso em: 9 mar. 2021.



Esta publicação, organizada por membros do Grupo de Pesquisa em Semiologia (GPS-LEIFEN/UFF/CNPq) e publicada pelo Núcleo de Estudos em Literatura Infantojuvenil da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (NELIJ-UERJ) em conjunto como grupo de Pesquisa EnLIJ – Encontros com a Literatura Infantil/Juvenil: ficção, teorias e práticas –, reúne 11 textos resultantes de pesquisas relacionadas à Literatura para crianças e jovens que priorizam questões e temáticas centralizadas na afirmação de identidades e na diversidade social e cultural, racial/étnica e de gênero. A Literatura para crianças e jovens não só se mostra marcada pelo imaginário do grupo social em que circula, mas também é usada como instrumento de disseminação de crenças e valores para as novas gerações, tendo a linguagem como meio de categorização dos seres, de expressão de valores e de interação social. Isso se reflete nos textos reunidos, os quais relacionam a linguagem de obras direcionadas prioritariamente a crianças e jovens com a expressão de identidades oprimidas socialmente, por não se configurarem em conformidade com o sistema de pensamento hegemônico e excludente. Dentre as obras que constituem os corpora de análise dos textos, encontram-se livros ilustrados, livros com ilustração, livros informativos, contos, novela e filme de animação, tipos editoriais e gêneros que aliam estética e ética, forma e conteúdo, em função tanto da denúncia de minorias invisibilizadas e silenciadas socialmente quanto da sua emancipação.